I Congresso Nacional da Sociedade Civil

ISCTE, dia 12 de Outubro de 2013-10-01

Cidadania e Minorias

A cidadania nasce em fechamento social contra “minorias” por vezes maioritárias: os aristocratas e os camponeses. Mas também contra mulheres, crianças, trabalhadores, escravos, estrangeiros, pobres, a quem genérica mas, nada inocentemente, discriminatoriamente, se passou a chamar minorias.

As diferentes gerações de direitos humanos, quatro, são o registo doutrinário e legal da luta contra a estreiteza do insistente e sempre presente fechamento da cidadania, com vista a corrigir a primeira e democratizar a segunda. Direitos cívicos de circulação e de não discriminação no espaço público, direitos políticos de voto e participação eleitoral, incluindo liberdade de palavra, direitos socioeconómicos e culturais e, mais recentemente, diretos da natureza.

Mais recentemente, também as diferentes declarações de direitos humanos especializadas percorrem caminho paralelo – os direitos das mulheres, das crianças, dos imigrantes e respectivas famílias, dos povos indígenas, procuram recuperar as falsas interpretações culturalmente enviesadas por perspectivas fechadas e exclusivistas de cidadania, nomeadamente as expressas por partidos xenófobos, mas com a compreensão de muitos cidadãos.

Cidadania e Minorias - crítica à formulação do pedido de participação

As perguntas propostas e o nome deste tema em particular parecem esquecer a história e a identidade cidadã:

Nenhuma centralidade (singular) persiste sem a contribuição, mais ou menos empática, das periferias (plurais). O despotismo monta-se aos ombros de terceiros a imaginar o mundo ao contrário: que é a centralidade que dá vida às periferias.

Democracia, se puder existir na radicalidade que há quem deseje, saberá como oferecer livre-trânsito nas centralidades para quaisquer minorias. A democracia torna-se viável quando assume a responsabilidade cidadã de mobilizar as “minorias” (frequentemente maiorias, como as mulheres, os camponeses, os trabalhadores, os imigrantes e outros) que começam por recear mostrar-se, por não suportarem servirem de bodes expiatórios. A democracia fenece sempre que se dedica a confirmar institucionalmente a perseguição aos inimigos úteis, isto é, às minorias sem capacidade de reacção efectiva, como acontece hoje frequentemente com os imigrantes pobres ou as orientações sexuais minoritárias.